

Missão

A **Revista Cerrados** configura-se como um veículo de divulgação do pensamento teórico literário, publicada semestralmente pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB. Visa a incorporar as contribuições do desenvolvimento do pensamento científico na área das literaturas e das áreas afins do conhecimento, que enriqueçam as fronteiras das Ciências Humanas na interdisciplinaridade necessária aos estudos acadêmicos contemporâneos.

Editor-Chefe

André Luís Gomes

Equipe Editorial

Pedro Mandagará

Patricia Trindade Nakagome

Editor de layout e texto

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

Reitora

Márcia Abrahão

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbaum

Decana de pesquisa e pós-graduação

Helena Shimizu

Diretora do Instituto de Letras

Rozana Reigota Naves

Chefe do departamento de Teoria Literária e Literaturas

Pedro Mandagará

Coordenador do programa de Pós-Graduação em Literatura

Danglei de Castro Pereira

Conselho Executivo

Cláudia Falluh Balduino Ferreira

Sylvia Helena Cyntrão

Rogério da Silva Lima

Wilton Barroso-Filho

CERRADOS 46

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA ANO 27 2018

ISSN 1982-9701



Programa de Pós-Graduação
em Literatura



UnB

Dossiê

“Literatura, Artes e Inclusão Social”

CERRADOS 46



REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA ANO 27 2018
ISSN 1982-9701

Editor-Chefe

André Luís Gomes

Editores

Pedro Mandagará

Patricia Trindade Nakagome

Editor Assistente

Diagramação/Revisão

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

Organizador deste número 46

André Luís Gomes

Capa

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

André Luís Gomes

Fotografia da Capa

Jemima Bracho

Apoio

Poslit/II/UnB

Conselho Editorial Consultivo

Ana Laura dos Reis Corrêa (UnB, Brasília-DF, Brasil)

Elga Pérez-Laborde (UnB, Brasília-DF, Brasil)

Regina Dalcastagnè (UnB, Brasília-DF, Brasil)

Rogério Lima (UnB, Brasília-DF, Brasil)

Paulo Nolasco (UFGD, Dourados-MS, Brasil)

Afonso Roman de Sant'Anna (FBN, Rio de Janeiro-RJ, Brasil)

André Bueno (UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil)

Antonio Carlos Secchin (UFRJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil)

Gilberto Martins (Unesp, Assis-SP, Brasil)

Laura Padilha (UFF, Rio de Janeiro-RJ, Brasil)

Luís Alberto Brandão (UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil)

Maria Antonieta Pereira (UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil)

Mário Cezar Leite (UFMT, Mato Grosso-MT, Brasil)

Nádia Battella Gotlib (USP, São Paulo-SP, Brasil)

Alckmar Luís dos Santos (UFSC, Florianópolis-SC, Brasil)

Benito Martínez Rodrigues (UFPR, Curitiba-PR, Brasil)

Elianedo Amaral Campello (FURG, Rio Grande-RS, Brasil)

Walter Carlos Costa (UFSC, Florianópolis-SC, Brasil)

Diógenes André Vieira Maciel (UEPB, Campina Grande-PB, Brasil)

Márcio Ricardo Muniz (UFBA, Salvador-BA, Brasil)

Rinaldo Fernandes (UFPB, João Pessoa-PB, Brasil)

Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)

Bernard Lamizet (Université Lumière 2, Lyon, França)

Claire Williams (Universidade de Liverpool, Reino Unido, Inglaterra)

François Jost (Sorbonne Nouvelle, Paris, França)

Jacques Fontanille (Université de Limoges, Limoges, França)

Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2, França)

Apresentação

A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora esta verificação fira nossa vaidade, o certo é que muito poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos. (CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. p. 36)

Antonio Candido ressalva, no capítulo “A Literatura e a vida Social”, que seu objetivo é “apenas focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos” e enumera as influências sociais sobre o público, a começar pelas estruturais, passando pela técnica e destaca “uma terceira influência social, a dos valores – gosto, modo, voga – e sempre exprimem a expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina”. Incluir temáticas, ações, personagens, atitudes que escapam a esses valores e padrões e, portanto, frustram e rompem com as expectativas sociais é o que norteou a organização deste número da *Cerrados*.

Neste sentido, o dossiê “Literatura, Arte e Inclusão Social”, reunindo artigos que pretendem provocar reflexões sobre os direitos e as condições sociais e as realizações artísticas das pessoas com deficiência no Brasil e sobre grupos minoritários, autores, ensaístas e dramaturgos, que rompem as normas e critérios hegemônicos com a finalidade de discutir e participar do contexto social e artísticos de suas respectivas épocas.

Terezinha Richartz analisa o romance *A porquinha do rabo esticadinho* de Rubem Alves, em que o autor apresenta uma vara de porcos cujos integrantes nasceram todos iguais, exceto Lili, que, ao invés de ter o rabo enrolado, o de Lili é esticado. Renata Lucena Dalmaso aborda o gênero autobiográfico em quadrinhos e as possibilidades de representação em relação à deficiência, algo ao qual a autora

se refere como “graphic body memoirs”; Alessandra Gomes da Silva e Rosana Kohl Bines analisam a recepção dos textos literários em turmas de jovens e adultos surdos da Educação Básica no Instituto Nacional de Educação de Surdos (CAP-INES).

Na sequência temos, artigos que centram as análises sobre encenações, produção dramaturgica e crítica teatral: Gilberto Figueiredo Martins desenvolve uma análise a partir do “impactante e provocativo” ensaio “Esperando Godot em Sarajevo”, escrito pela diretora Susan Sontag, estabelecendo vínculos entre o texto de Samuel Beckett e o contexto histórico em que ocorreu a encenação; Diógenes Vieira Maciel discute as formas e as convenções na dramaturgia e no teatro de Lourdes Ramalho e, em “Carpinteiros teatrais, a crítica e o teatro de revista”, Beatriz Pereira e eu apresentamos alguns “carpinteiros teatrais” com o objetivo de analisar uma série de textos com autorias e propósitos diversos, que se referiam, nas décadas iniciais do século XX, a espetáculos, atores e atrizes e casas teatrais.

Os sentidos existenciais performatizados abertos nas letras das músicas compostas para as peças Léo e Bia, de Oswald Montenegro são analisados por André Luiz de Souza Filgueira.

Alexandre Flory e Marcio da Silva Oliveira traçam um panorama da produção teatral de Dias Gomes e focam a produção do dramaturgo na década de 1940, analisando a peça *Eu acuso o céu*, de 1943, em que se tematiza a necessidade de inclusão social, seja do negro, do retirante ou de outras figuras situadas à margem social.

Encerra o dossiê, o artigo “O século XX e a tragédia do homem comum”, de Adriano de Paula Rabelo, em que autor sintetiza algumas discussões de pensadores acerca da tragédia, mostrando como a estatura do ser humano, sua condição social e sua linguagem foram rebaixando-se até o século em que autores como Eugene O’Neill, Arthur Miller e Nelson Rodrigues recriaram a tragédia em feição moderna.

Após os artigos do dossiê, incluímos, ainda sobre a temática deste número, uma entrevista com os integrantes da leitura encenada da peça “*Sinuca de bico*”, apresentada no XV Quartas Dramáticas, em que eles relatam a experiência de levar

para cena a tradução em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma vez que o tradutor-ator, Virgílio Soares, e a tradutora-atriz, Thalita Araújo, assumiram as personagens de Mersault e Haroun respectivamente, que também eram interpretadas pela doutoranda e atriz Rosana Correia e pela professora e atriz Glória Magalhães. Dirigida pela Profa. Dra. Alice Stefânia, a ideia, como ressalta uma das autoras do texto, Profa. Alice Araújo, era a de experienciar a tradução em Libras como parte do processo cênico. Uma das particularidades desta apresentação foi, diferentemente do que estamos habituados no teatro, o fato de que a peça foi montada integrando o português com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A tradutora-atriz Thalita Araújo e o tradutor-ator Virgílio Soares assumiram as personagens de Mersault e Haroun respectivamente, que também eram interpretadas pela doutoranda e atriz Rosana Correia e pela professora e atriz Glória Magalhães.

Na seção livre, temos quatro artigos: Dirlenvalder do Nascimento Loyolla, a partir da figura de Lima Barreto na condição de intelectual de seu tempo, um intelectual “dissonante, analisa as obras póstumas *Bagatelas* (1923) e *Marginália* (1953), volumes que reúnem crônicas produzidas pelo escritor entre 1911 e 1922. No segundo artigo, a partir de uma reflexão sobre a imagem da Ninfa na modernidade, Maura Voltarelli Roque analisa as aparições dessa figura feminina em movimento no poema “The Waste Land”, de T.S. Eliot. Leonardo Francisco Soares analisa o romance *Viagem ao fim da noite*, de Louis-Ferdinand Céline, publicado em 1932, com o objetivo de tecer algumas considerações acerca do modo como o trinômio Guerra, Revolução e Violência é mobilizado, no âmbito da linguagem, pelo romance. Finaliza a seção, Maria Rosa Duarte de Oliveira, que apresenta uma reflexão acerca do ato criativo em arte e em literatura a partir de Valery e de Giorgio Agamben.

Na seção “Tradução”, temos o artigo “O uso do material cômico na tragédia de Shakespeare e seus contemporâneos”, de Raymond Macdonald Alden, traduzido por Tiago Marques Luiz, em que o autor tece reflexões acerca da presença da figura do bobo tanto de Shakespeare como de seus predecessores e contemporâneos.

A temática do dossiê nos levou a escolher, como capa deste número, uma foto de uma das apresentações do Projeto PÉS (Teatro Dança para pessoas com deficiência)*, idealizado, em 2009, pelo Professor Rafa Tursi, mestre em Arte e bacharel em Artes Cênicas (UnB), que tem, desde 2011, por objetivo a pesquisa, a criação, provocação e execução do movimento expressivo para e por pessoas com deficiência, através de técnicas do teatro-dança.

Para concluir e abrir outras perspectivas de visões e leituras, lembrei-me do conto “Amor”, de Clarice Lispector, em que a personagem Ana, dona de casa, depara-se, no ônibus, com um cego mascarado chicle. O inusitado e a ação despreziosa do cego domina a atenção de Ana, que deixa, depois de um solavanco, cair toda a compra que estava no seu colo e “os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia.”. Ana, tomada por aquela aparição, perde o ponto de ônibus onde ela ia descer e entra no Jardim Botânico, onde ela passa a ter várias e reveladoras visões. Ana volta pra casa e, no final, “Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.” Desejo que esta flama continue acesa para e com a leitura deste número!

André Luís Gomes
Editor-Chefe

*O Projeto Pés mantém um site com o histórico do grupo, informações sobre espetáculos e, além disso, disponibiliza vídeos e fotos. Disponível em: https://www.projetopes.com/quem-somos?fbclid=IwAR0vwD1z4I6EPbCK986m0Pz4x_14JTzkOQXmXMXuHh0mpIeXf0VLjL7qtG4
Acesso: 20 out. 2018.